

Universidade De Brasília
Centro de Estudos Avançados do Cerrado da Chapada dos Veadeiros
Especialização em Sociobiodiversidade e Sustentabilidade no Cerrado

**ETNOZOOLOGIA DA COMUNIDADE RURAL DO SERTÃO
EM ALTO PARAÍSO DE GOIÁS, GO, BRASIL**

LECIANE MOREIRA DA MATA

Orientadora: Prof.^a Dra. Renata Corrêa Martins

Alto Paraíso de Goiás - GO

2018



Universidade De Brasília
Centro de Estudos Avançados do Cerrado da Chapada dos Veadeiros
Especialização em Sociobiodiversidade e Sustentabilidade no Cerrado

ETNOZOOLOGIA DA COMUNIDADE RURAL DO SERTÃO EM ALTO PARAÍSO DE GOIÁS, GO, BRASIL

LECIANE MOREIRA DA MATA

Orientadora: Prof.^a Dra. Renata Corrêa Martins

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao Centro de Estudos do Cerrado da Chapada dos Veadeiros - UnB Cerrado, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Sociobiodiversidade e Sustentabilidade no Cerrado.

Alto Paraíso de Goiás - GO

2018

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

de da MATA, Leciane Moreira
Etnozoologia da Comunidade rural do Sertão em Alto
Paraíso de Goiás, GO, Brasil. / Leciane Moreira da MATA;
orientador Renata Corrêa MARTINS. -- Brasília, 2018.
44 p.

Monografia (Especialização - Sociobiodiversidade e
Sustentabilidade no Cerrado) -- Universidade de Brasília,
2018.

1. Conhecimentos tradicionais. 2. Cerrado. 3. Chapada
dos Veadeiros. 4. Conservação da biodiversidade. I. MARTINS,
Renata Corrêa, orient. II. Título.



Universidade De Brasília
Centro de Estudos Avançados do Cerrado da Chapada dos Veadeiros
Especialização em Sociobiodiversidade e Sustentabilidade no Cerrado

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

**ETNOZOOLOGIA DA COMUNIDADE RURAL DO SERTÃO EM ALTO PARAÍSO
DE GOIÁS, GO, BRASIL**

LECIANE MOREIRA DA MATA

Aprovada por:

Dra. Renata Corrêa Martins
Universidade de Brasília/Centro UnB Cerrado
Presidente da Banca Examinadora

Dra. Clarisse Rezende Rocha
Universidade de Brasília – UnB/Centro UnB Cerrado

Dra. Regina Coelly Fernandes Saraiva
Faculdade UnB Planaltina – FUP/UnB

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu esposo Rafael pelo companheirismo e apoio essencial nesse projeto e ao meu querido filho Théo por ser minha força e inspiração.

Agradeço à Professora Renata Corrêa Martins pelas orientações tão importantes para a realização desse trabalho.

As pessoas maravilhosas que a vida me trouxe durante o curso de especialização, Lígia, seus pais e Thamyris que sempre me acolheram em suas residências no Distrito Federal, durante minhas passagens para Alto Paraíso.

Leonardo o caroneiro da turma, amigo de plantão e a Cleonice (Toá Kaninã Pankararu) que assim como eu viajava muitas horas de ônibus até chegar a Brasília, companheira do primeiro ao último dia de curso. Aos amigos Hugo, Luana, Felipe, Caio e todos os demais colegas e professores do curso que de forma direta e indireta contribuíram para a minha formação.

À Selma de Almeida Bernardes colega de curso, mulher guerreira e moradora da comunidade do Sertão e ao coração mais generoso da Chapada dos Veadeiros Wallace Santos Cavalcante que foram de extrema importância para que conseguisse ir à campo e realizasse este estudo.

Aos moradores da comunidade Sertão meu especial agradecimento, pela atenção, paciência e tempo concedidos que permitiram a realização desse trabalho.

E a todos aqueles que contribuíram para o trabalho de forma direta ou indireta.

ETNOZOOLOGIA DA COMUNIDADE RURAL DO SERTÃO EM ALTO PARAÍSO DE GOIÁS, GO, BRASIL

Leciane Moreira da MATA¹

Renata Corrêa MARTINS²

RESUMO

O conhecimento etnozoológico é alvo do presente trabalho, que teve como objetivo levantar informações sobre perfil socioeconômico, interações e utilização dos recursos faunísticos, diversidade de espécies conhecidas pelos moradores, verificar as interações entre fauna doméstica e silvestre e a percepção dos moradores em relação às Áreas Protegidas. A comunidade rural do Sertão localiza-se no Vão do Paranã, por onde iniciou o processo de ocupação da Chapada dos Veadeiros. Região de importância histórica e cultural, no município de Alto Paraíso de Goiás, GO. A leste na Área de Proteção Ambiental Pouso Alto e na zona de amortecimento do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros. A coleta de dados foi realizada por entrevistas semi-estruturadas e abertas com 29 moradores, sendo 13 mulheres e 16 homens, entre 12 e 86 anos. Ao todo citaram 102 animais (99 vertebrados e 03 invertebrados). O número de animais silvestres (n=93) foi maior em relação aos domésticos (n=9). O grupo faunístico das aves teve o maior número de espécies citadas (n=38), seguido pelos mamíferos (n=29) e répteis (n=14), ictiofauna com oito espécies e anfíbios com apenas uma espécie citada. Os entrevistados relataram 15 animais silvestres e três domésticos para usos na prática medicinal e artesanal. A caça foi pouco mencionada, citada como método dos moradores do passado que caçavam tatus e veados. Além da interação entre a fauna silvestre e doméstica, mitos e crendices envolvendo os animais também foram relatados entre os entrevistados. O estudo aponta para a importância do registro desse conhecimento para as futuras gerações dos sertanejos da região. Os esforços atuais para a conservação biológica somados ao entendimento das práticas tradicionais, são de grande relevância para a biodiversidade biológica e cultural da Chapada dos Veadeiros.

Palavras-Chave: Cerrado. Conhecimentos tradicionais. Chapada dos Veadeiros.

¹ Bióloga pós-graduanda em Sociobiodiversidade e Sustentabilidade no Cerrado pela Universidade de Brasília - UnB, Centro de Estudos do Cerrado da Chapada dos Veadeiros - UnB Cerrado. *E-mail: lecianedamata@gmail.com

² Professora orientadora, Doutora em Botânica pela Universidade de Brasília. Professora visitante no Cerrado de Estudos do Cerrado-UnB Cerrado, em Alto Paraíso de Goiás. E-mail: renatacerrado@gmail.com

ABSTRACT

Ethnozoological knowledge is the aim of the present work, whose objective was to gather information on socioeconomic profile, interactions and utilization of faunistic resources, diversity of species known by the residents, verify the interactions between domestic and wild fauna and the perception of the residents in relation to the Protected Areas. The rural community of Sertão is located in the Vão do Paranã, where the process of occupation of Chapada dos Veadeiros began. Region of historical and cultural importance, in the municipality of Alto Paraíso de Goiás, GO. To the east, in the Pouso Alto Environmental Protection Area and in the buffer zone of the Chapada dos Veadeiros National Park. Data collection was done through semi-structured and open interviews with 29 residents, being 13 women and 16 men all between the ages of 12 and 86. There were 102 animals cited (99 vertebrates and 03 invertebrates) within the community. The number of wild animals ($n = 93$) was greater comparatively to domesticated animals ($n = 9$). The faunistic group of birds had the greatest number of species ($n = 38$), followed by mammals ($n = 29$) and reptiles ($n = 14$), ichthyofauna with eight species and amphibians with only one species cited. The interviewees named 15 wild and three domesticated animals that are used in medical and artisanal practices. Hunting was mentioned very little and was cited as an antiquated use by residents who hunt armadillos and deer. Beyond the interaction between wild and domestic fauna, the interviewed residents also cited myths and beliefs about the animals. The study points to the importance of recording this knowledge to future generations of the country people of the region. Current efforts for biological conservation added to the understanding of traditional practices, they are of great relevance to the biological and cultural biodiversity of Chapada dos Veadeiros.

Keywords: Cerrado. Traditional knowledge. Chapada dos Veadeiros.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. METODOLOGIA	12
2.1. Área de estudo.....	12
2.2. Coleta e análise de dados.....	15
3. RESULTADOS E DISCUSSÃO	16
3.1. Perfil Socioeconômico da Comunidade do Sertão	16
3.2. Animais silvestres e domésticos conhecidos na comunidade do Sertão e status de conservação ...	17
3.3. Usos da fauna na comunidade do Sertão	29
3.4. Percepções em relação às Unidades de Conservação APA Estadual do Pouso Alto e Parque Nacional Chapada dos Veadeiros	32
4. CONCLUSÃO	33
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	34
APÊNDICE A – Questionário etnozoológico aplicado na comunidade do Sertão, Alto Paraíso de Goiás	39
APÊNDICE B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	42
ANEXO A – Comprovante de Cadastro de acesso SisGen	44

1. INTRODUÇÃO

Os sertões deixaram de ser sertões quando o federalismo integracionista cortou o Planalto Central com estradas, criou Goiânia na década de 1930 e Brasília na década de 1960 (BERTRAN, 2000). Na Chapada dos Veadeiros o primeiro ciclo do ouro trouxe os colonizadores portugueses e os negros escravos e o segundo a massa de sertanejos vindos dos Gerais e do Agreste (DISCONZI, 2012). Durante os ciclos do ouro a mineração estimulou a formação de importantes fazendas voltadas para a pecuária, para atender às regiões mineradoras, estimulando a produção de pastagens no Cerrado do Planalto Central (BERTRAN, 2000).

No século XX atividades humanas se intensificaram no bioma Cerrado. A substituição da cobertura natural por monoculturas, pastagens e parcelamento do solo em áreas urbanas levaram à crescente perda de habitats, principal causa de ameaça a biodiversidade. Desta forma, o Cerrado está incluído no ranking dos 34 *hotspots* mundiais para a conservação da biodiversidade do planeta (MITTERMEIER et al., 2004).

Uma das principais estratégias adotadas para minimizar os impactos da destruição e garantir a proteção e a manutenção da biodiversidade e dos ambientes naturais no país foi a implantação de sistema de áreas naturais protegidas em Unidades de Conservação. Em 1961 o governo Federal criou no Cerrado do Planalto Central, o Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros (PNCV), localizado no nordeste goiano, abrangendo os municípios de Alto Paraíso de Goiás, Cavalcante e Colinas do Sul. Atualmente o parque possui 240 mil hectares de rica biodiversidade protegida (ICMBio, 2018).

O Parque foi reconhecido como sítio do Patrimônio Natural da Humanidade e Reserva da Biosfera do Cerrado – Fase II, pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO). Em 2001 o governo Estadual criou na região nordeste do Estado de Goiás, a Área de Proteção Ambiental (APA) do Pouso Alto, Unidade de Conservação da categoria de Uso Sustentável, que tem como objetivo compatibilizar a conservação da natureza com o uso sustentável de parcela dos recursos naturais (SNUC, 2000). A APA do Pouso Alto Abrange seis municípios, Cavalcante, Colinas do Sul, Teresina de Goiás, Nova Roma, São João D' Aliança e Alto Paraíso de Goiás.

Dos municípios que abrangem a APA do Pouso Alto, somente Colinas do Sul apresenta terra indígena da etnia Avá-Canoeiro. No século XVIII, os indígenas da região foram símbolo de resistência à ocupação e colonização do Brasil Central. Ao longo do século XIX, sofreram

com a ação de pacificação e extermínio, o que causou a redução drástica da sua população (CTE, 2016). Entre os municípios de Cavalcante, Teresina de Goiás e Monte Alegre de Goiás está localizada o Quilombo Kalunga maior do Brasil, ocupando 253.000 hectares e composto por 56 comunidades. Território ocupado há centenas de anos por africanos que fugiram da escravidão e se misturaram à população indígena que já habitava o local. Assim conseguiram manter-se isolados até por volta de 1970 (COSTA, 2013).

A Sociobiodiversidade da Chapada dos Veadeiros portanto tem formação de origem principalmente indígena, quilombola e sertaneja. Região de importância social, cultural e biológica. Nesse contexto socioecológico, a Etnobiologia surge como estudo e compreensão do saber acumulado entre populações humanas em relação a biodiversidade e sua conservação (ALBUQUERQUE, 2013). Segundo Diegues et al. (2000) a diversidade biológica não se refere apenas ao mundo natural, mas uma construção cultural e social, produto do conhecimento da domesticação e uso dos recursos naturais, fonte de inspiração para mitos e rituais das sociedades tradicionais e, finalmente, mercadoria nas sociedades modernas.

Costa Neto (2016) considera a “etnobiologia e etnoecologia e suas subdivisões (etnobotânica, etnozootologia e etnomedicina) como áreas que vêm ocupando espaço no universo das pesquisas científicas no Brasil”. O autor defende que a “produção de um conhecimento em consonância com preocupações conservacionistas, promovam um desenvolvimento sustentável das populações que interagem com a biodiversidade brasileira.

Diferentes autores mostram que os aspectos socioculturais devem ser considerados em discussões sobre o desenvolvimento sustentável e a valorização dos saberes tradicionais (DIEGUES et al., 2000; DIEGUES, 2001; PINTO, 2011; TORRES et al., 2015; OLIVEIRA, 2014). Para Diegues (2000), muitas políticas públicas de conservação adotadas são ineficientes ignoram as comunidades humanas que vivem dentro ou no entorno de áreas protegidas.

No Brasil conhecimentos relacionados as plantas, aos animais e ao meio ambiente, se tornaram importantes para as diversas áreas da ciência, especialmente a Biologia, Sociologia e Antropologia (SOUZA e SANCHEZ, 2017; MARQUES, 2002; BEGOSSI et al., 2002).

Diegues et al. (2000) analisou 850 publicações incluindo livros, coletâneas, teses, artigos e relatórios, com pesquisas quanto ao conhecimento tradicional de indígenas e não indígenas, disponíveis em uma base de dados operacional informatizado do NUPAUB-Núcleo de Pesquisas sobre Populações Humanas e Áreas Úmidas Brasileiras. Os trabalhos dizem respeito às populações que vivem no ecossistema Amazônico (56,7%), seguido da Zona

Costeira (20,9%), do Cerrado (18,9%) e Florestas Estacionais (7,5%), ecossistema de Meio Norte (2,8%), Pinheirais (1,5%) e Extremo Sul (1,0%).

Entre as comunidades não indígenas, esse percentual refere-se a maioria a estudos em Botânica cultivada e coletada (54,5% e 53% respectivamente). Estudos relacionadas a Etnobotânica, buscando formas de classificação e usos de plantas úteis (MARTINS et al. 2012; MARTINS et al. 2014; SOUZA e FELFILI, 2006). Estudos com zoologia entre populações não indígena representam 11,8% e entre populações indígenas 37,1%.

Dentre as várias subdivisões da Etnobiologia, os estudos etnozoológicos se tornaram relevantes, visto que, a fauna guarda um aspecto essencial e significativo no cotidiano humano. Além disso, revelam, desde a antiguidade, diversos vínculos cognitivos, emocionais e comportamentais (RODRIGUES, 2015). A Etnozoologia surgiu durante o século XIX nos Estados Unidos, com o objetivo de estudar e compreender as percepções de populações humanas culturalmente diferenciadas em relação aos animais (COSTA-NETO, 2000; DE LIMA et al., 2014; RODRIGUES, 2015).

O pesquisador Costa-Neto (2000) compilou vários estudos etnozoológicos realizados no Brasil, em um importante panorama bibliográfico sobre o assunto. Foram listados 246 títulos publicados em vários formatos. O autor avalia que esse modo de interação vem sendo registrado desde o período Colonial. Porém em comparação com outros estudos em etnobiologia, os etnozoológicos são escassos e concentrados na região nordeste e norte do país. A zooterapia foi o modo de interação do ser humano com a fauna mais pesquisado (21%), seguido de etnoictiologia (15%), etnoentomologia (14%), etnomastozoologia (9%), atividades cinegéticas (8%) e etnotaxonomia (8%), temas diversos representam (11%) dos estudos (COSTA-NETO, 2000). A prática zooterápica já atinge cerca de 300 espécies de animais utilizados na medicina popular no Brasil (COSTA-NETO, 1999), sendo que no Nordeste do país esse registro é de pelo menos 250 espécies de animais (ALVES, 2009). Estudos etnozoológicos para o bioma Cerrado são escassos e considerados incipientes.

“A etnozologia propõe um novo modelo de ciência da conservação na qual estão inclusos o resgate, o estudo e a valorização dos conhecimentos ecológicos locais.” (LIMA et al., 2014, p.57). Desta forma, o patrimônio natural e cultural, atrelado as necessidades das populações que dependem diretamente dos recursos naturais, podem tornar a comunidade como gestoras do seu meio ambiente, resultando na participação dos atores sociais, em modelos de manejo sustentável e mais adaptados as condições locais (HANAZAKI, 2003).

A comunidade objeto do estudo está inserida na APA do Pouso Alto e na zona de amortecimento do PNCV. Segundo o SNUC (2000) as zonas de amortecimento são definidas como: “*o entorno de uma Unidade de Conservação, onde as atividades humanas estão sujeitas a normas e restrições específicas, com o propósito de minimizar os impactos negativos sobre a unidade*” (artigo 2º XVIII).

O conhecimento zoológico tradicional é alvo do presente trabalho, que teve como objetivo diagnosticar as interações em relação a fauna silvestre e doméstica entre os moradores da comunidade rural do Sertão. Levantar informações sobre o perfil socioeconômico, interações e utilização dos recursos faunísticos, diversidade de espécies conhecidas pelos moradores, verificar as interações entre fauna doméstica e silvestre e a percepção em relação às Áreas Protegidas.

2. METODOLOGIA

2.1. Área de estudo

Dentro da APA do Pouso Alto, alguns fatores dão destaque a Alto Paraíso de Goiás. O município tem locais de altitude superior a 1.200 metros, extensa área territorial (2.593,905 km²) e pouca ocupação humana. O acesso ao município, partindo de Brasília (DF) se dá pela rodovia GO 118 / BR-010. O acesso à entrada do PNCV, partindo da cidade de Alto Paraíso de Goiás, ocorre pela rodovia GO 239. A população está estimada em 7.514 habitantes (IBGE, 2010).

Em Alto Paraíso de Goiás são reconhecidos como povos tradicionais grande parte dos habitantes quilombolas do povoado Moinho e a comunidade de agricultores familiares localizada na região denominada Sertão. O acesso às duas comunidades ocorre pela rodovia não pavimentada GO 239, sentido leste. Além dos membros das antigas e tradicionais famílias da região, hoje habitam diversos migrantes místicos e alternativos, de várias culturas, que chegaram ao município em busca de maior contato com a natureza (SAMPAIO, 2011).

Este estudo foi realizado na comunidade rural do Sertão (Figura 1), inserida entre as coordenadas latitude 14°4'7.76" S, longitude 47°19'35.45" O, localizada no vale do Rio São Bartolomeu, entre a Serra Geral do Paranã (à direita sentido Nova Roma) e a Serra de Santana (à esquerda no mesmo sentido), no município de Alto Paraíso de Goiás.



Figura 1. Localização da área de estudo, município de Alto Paraíso de Goiás, Estado de Goiás.

Fonte: Google Earth (2018), elaboração a autora.

A comunidade do Sertão localiza-se distante 30 km da sede do município, na zona leste da APA do Pouso Alto. Após a ampliação do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros (PNCV) em 2017, a comunidade passou a fazer parte da zona de amortecimento da referida Unidade de Conservação, inclusa também no Corredor ecológico Paranã-Pirineus. A altitude mínima registrada foi de 430 metros, no limite entre os municípios de Alto Paraíso de Goiás e Nova Roma. Segundo CTE (2016) o relevo é do tipo plano a suave ondulado, envolto por morros de topo plano a convexo (Figura 2). A vegetação é composta por florestas de Mata seca e está associada as formações de rochas calcárias existentes na região (Figura 3). No vale existe a predominância do solo do tipo latossolo vermelho, o que reflete na ocupação e na substituição das florestas por pastagens (CTE, 2016).

O clima dessa região é denominado do tipo Aw (classificação climática Köppen) chamado de clima tropical de savana, com estação seca no inverno e chuvosa no verão (CARDOSO et al., 2015). A temperatura média é superior a 22° C. A precipitação média anual da região Nordeste apresenta valores entre 1000 mm a 1200 mm (CARDOSO et al., 2015).



Figura 2. Relevo característico do Vale da Serra Geral. Fonte: autoria própria, 2017

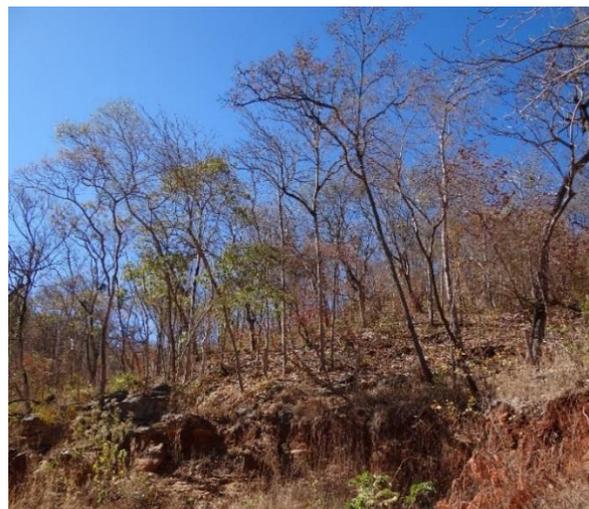


Figura 3. Características da vegetação composta por florestas de mata seca na Serra das Laranjeiras, margem da GO 239. Fonte: autoria própria, 2017

A região do Sertão tem importância histórica e cultural, formada durante a ocupação da região da Chapada dos Veadeiros através do Vão do Paranã, com gado oriundo dos sertões mineiros e baianos, introduzidos em suas pastagens de altitude (BERNARDES, 2015). O início de sua ocupação é impreciso, porém pelo histórico da região e relatos dos moradores, acredita-se que tenha sido no período Colonial. Para Laranjeira et al. (2012), ainda no período escravagista, foram se formando fazendas e engenhos de cana-de-açúcar, além das atividades agropastoris que davam suporte às atividades mineradoras da região.

A comunidade do Sertão tem aproximadamente 75 domicílios, um posto de saúde básica, uma unidade escolar municipal (Figura 4) criada em 1968 e uma capela (Figura 5). A escola atende atualmente alunos da educação infantil (jardim I e II) e ensino fundamental (1º a 9º ano). A principal ocupação das famílias está vinculada a agricultura familiar, com a produção de subsistência de milho, feijão, abóbora, amendoim, mandioca, cana-de-açúcar, bananas, inhame, hortaliças e a criação de animais domésticos, como galinhas, suínos e bovinos (BERNARDES, 2015).



Figura 4. Unidade escolar da comunidade do Sertão. Fonte: autoria própria, 2018.



Figura 5. Capela localizada na Fazenda São Lourenço, comunidade do Sertão. Fonte: autoria própria, 2018.

2.2. Coleta e análise de dados

O trabalho de campo foi desenvolvido entre setembro de 2017 e julho de 2018 (Figuras 6 e 7). Neste período foram realizadas duas visitas preliminares (setembro e outubro) com apoio da moradora da comunidade Selma de Almeida Bernardes, para familiarização com os moradores e busca de informações sobre a ocupação das famílias, a distância entre os domicílios e as possibilidades de acesso. A participação da moradora local foi de extrema importância para a localização das residências e abordagem aos moradores.



Figura 6. Pesquisadora em entrevista com Sr. Valdivino, morador da comunidade do Sertão em setembro/2017. Fonte: autoria própria, 2017.



Figura 7. Pesquisadora em entrevista com D. Bernardina, moradora da comunidade do Sertão em julho/2018. Fonte: autoria própria, 2018.

Os objetivos e a metodologia da pesquisa foram explicados as lideranças locais e aos participantes convidados. Foram aplicadas entrevistas semiestruturadas (Apêndice A) durante o mês de julho nas residências dos participantes, através de conversas informais (ALBUQUERQUE et al., 2008). A obtenção dos dados ocorreu por conveniência e não probabilística devido a distância entre os domicílios e a ocupação das famílias, que necessitavam parar suas atividades para responder a entrevista.

Antes de iniciar as entrevistas individuais, foi solicitado ao participante a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido-TCLE (Apêndice B). O acesso ao Conhecimento Tradicional Associado nos termos da Lei nº 13.123/2015 e seus regulamentos foi cadastrado no Sistema Nacional de Gestão do Patrimônio Genético e do Conhecimento Tradicional Associado (SisGen) sob o número de cadastro A2F7C06 (Anexo A).

Levando em consideração a realização da pesquisa no mês de férias escolares, com poucos moradores na comunidade, foram entrevistados dois moradores por domicílio, em busca da percepção e conhecimento de jovens e adultos de ambos os gêneros interessados em participar do estudo. Os dados foram transferidos para planilhas do programa Excel, resumidos e analisados por meio da estatística descritiva. Foram utilizadas tabelas de cognição comparada (MARQUES, 1995), ou seja, comparação entre conhecimento tradicional dos moradores sobre a fauna local e as contidas em livros e artigos com informações sobre a fauna (REIS et al.; 2010, GWYNNE et al, 2010; NOBREGA, 2011; TORRES et al., 2009).

As informações relativas aos usos e valores atribuídos as espécies, foram analisadas conforme as categorias etnozoológicas tais como medicinal, alimentar, cultural e conflitiva (PINTO, 2011). Os nomes vernaculares dos animais citados foram registrados como mencionados pelas pessoas entrevistadas. A identificação das espécies ocorreu por meio de pistas taxonômicas (PEREIRA e SCHIAVETTI, 2010; MARTINS, 2008) e detalhes morfológicos dos animais descritos pelos entrevistados. Para a nomenclatura científica das espécies da ornitofauna utilizou-se a bibliografia de Gwynne et al., (2010) e Piacentini (2015). Para mamíferos utilizou-se a nomenclatura científica de Paglia et al. (2011) e para o grupo da herpetofauna Bérnils e Costa (2018).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1. Perfil Socioeconômico da Comunidade do Sertão

Foram visitados 34 domicílios com 29 entrevistados, sendo 45% do gênero feminino e 55% do gênero masculino, apenas duas crianças, uma com 12 anos (feminino) e outra com 14 anos (masculino). A idade dos entrevistados variou de 12 a 86 anos, com 10,34% dos entrevistados menores de 30 anos, 34,5% com idade entre 30-60 anos e 55% maiores que 60 anos de idade.

Em relação a escolaridade dos moradores, apenas três não tiveram acesso à escola, sete se declararam semianalfabetos (apenas escreve o nome), 14 fizeram o Ensino Fundamental incompleto, um com Ensino Fundamental completo, dois com Ensino Médio completo, um com Superior incompleto e um com Superior completo. Entre os quatro moradores com escolaridade a partir do ensino médio, dois apresentaram faixa etária superior a 40 anos.

Entre os entrevistados (N=29), dez nasceram na comunidade. Moradores não nativos (n=19) chegaram a comunidade devido a vínculo familiar. Destes, três são naturais do povoado Moinho, dois de Flores de Goiás, dois de Nova Roma, um de Campos Belos, um de Cavalcante. E naturais de outras cidades de Goiás como Trindade (n=01), Goiânia (n=01) e Formosa (n=03). Apenas cinco entrevistados são naturais de estados vizinhos como Bahia (n=02), Minas Gerais (n=02) e Distrito Federal (n=01).

A principal atividade dos moradores é com a agricultura familiar, seguida de “donas de casa” e agropecuária. Homens e mulheres estão envolvidos no cultivo de produtos como mandioca, hortaliças, milho, feijão, banana, entre outros alimentos para consumo na propriedade. As donas de casa cuidam do lar, dos quintais, da horta, dos animais domésticos, e dos animais de criação (galinhas e porcos).

A principal fonte de renda dos moradores entrevistados está representada pelos benefícios do governo, tais como a aposentadoria (n=13). A renda dos demais foi representada por serviços autônomos (n=04), criação e venda de bovinos (n=03), comerciante (n=03), caseiro (n=02), criação e venda de galinhas (n=01); três entrevistados não informaram a fonte de renda.

3.2. Animais silvestres e domésticos conhecidos na comunidade do Sertão e status de conservação

Os entrevistados classificam a fauna como bichos do mato (animais silvestres) e animais de criação (domésticos/domesticados). Citaram 102 animais (99 vertebrados e 03 invertebrados) que ocorrem na comunidade (Tabela 1).

Tabela 1. Prováveis espécies relacionadas aos nomes vernaculares de animais da comunidade do Sertão, seguida do grupo, família, espécie, total de citações pelos moradores, fatores de vulnerabilidade e citações por categoria de uso.

AVES - FAMÍLIA, espécie									
Táxon provável	Nome vernacular	Nº de citações	Fatores de Vulnerabilidade			Citações por categoria de uso			Espécie cinegética
			Endêmica	Rara	Status Categoria	Místico / Religioso	Criação / Estimação	Medicinal	
RHEIDAE									
<i>Rhea americana</i>	ema	8			NT ³				Sim
TINAMIDAE									
<i>Crypturellus parvirostris</i>	inhambu	6			LC ³				Sim
<i>Crypturellus undulatus</i>	jaó	9			LC ³				Sim
<i>Nothura maculosa</i>	codorna	1			LC ³				Sim
<i>Rhynchotus rufescens</i>	perdiz	5			LC ³				
ANATIDAE									
<i>Cairina moschata</i> ¹	pato-do-mato	2			LC ³	1			Sim
<i>Mergus octosetaceus</i>	pato-mergulhão	1		x	CR ² - CR ³				Sim
CRACIDAE									
<i>Crax fasciolata</i> ¹	“mutum”, mutum-de-penacho	6			VU ³				Sim
<i>Penelope superciliaris</i>	jacu	6			LC ³	1			Sim
CATHARTIDAE									
Espécie não identificada	“urubu”	2			-				
RALLIDAE									
<i>Aramides cajaneus</i>	saracura	3			LC ³	1			
COLUMBIDAE									
<i>Columbina squammata</i> ¹	fogo-apagou	2			LC ³				Sim
<i>Leptotila rufaxilla</i>	juriti	2			LC ³				Sim
<i>Zenaida auriculata</i> ¹	pomba-de-bando	2			LC ³				Sim
CUCULIDAE									
<i>Crotophaga ani</i> ¹	anu	1			LC ³				
TYTONIDAE									
<i>Tyto furcata</i>	rasga-mortalha	1			LC ³	1			
STRIGIDAE									
<i>Glaucidium brasilianum</i>	caburé	1			LC ³	1			Sim
TROCHILIDAE									
<i>Eupetomena macroura</i> ¹	beija-flor-preto	3			LC ³	4			
RAMPHASTIDAE									
<i>Ramphastos toco</i>	tucano	4			LC ³				Sim

Continua

Tabela 1 (continuação)

AVES - FAMÍLIA, espécie									
Táxon provável	Nome vernacular	Nº de citações	Fatores de Vulnerabilidade			Citações por categoria de uso			Espécie cinegética
			Endêmica	Rara	Status Categoria	Místico Religioso	Criação Estimação	Medicinal	
CARIAMIDAE									
<i>Cariama cristata</i> ¹	seriema	11			LC ³	1			Sim
FALCONIDAE									
<i>Caracara plancus</i> ¹	carcará	3			LC ³				
<i>Herpetotheres cachinnans</i>	coan	9			LC ³	8			
<i>Milvago chimachima</i> ¹	gavião carrapateiro	6			LC ³				
PSITTACIDAE									
<i>Ara ararauna</i>	arara-canindé	2			LC ³				
Espécie não identificada	“papagaio”	5			-	9			
<i>Alipiopsitta xanthops</i>	papagaio-galego	1	Ce		NT ³				
<i>Brotogeris chiriri</i> ¹	periquito-de-encontro-amarelo	1			LC ³				
<i>Eupsittula aurea</i> ¹	periquito-rei	2			LC ³	1			
<i>Forpus xanthopterygius</i>	tuim	1			LC ³				
<i>Pyrrhura pfrimeri</i>	periquito-guerreiro	4	Ce		EN ²				
<i>Psittacara leucophthalmus</i>	maritaca	4			LC ³				
FURNARIIDAE									
<i>Furnarius rufus</i> ¹	joão-de-barro	1			LC ³	1			
TYRANNIDAE									
<i>Pitangus sulphuratus</i> ¹	bem-te-vi	1			LC ³				
CORVIDAE									
<i>Cyanocorax cyanopogon</i> ¹	cancão	7			LC ³				
ICTERIDAE									
<i>Gnorimopsar chopi</i> ¹	pássaro-preto	9			LC ³				
<i>Icterus jamaicii</i> ¹	sofrê	3			LC ³	1			
<i>Psarocolius decumanus</i> ¹	joão-congo	4			LC ³	1			
THRAUPIDAE									
<i>Sicalis flaveola</i> ¹	canário-da-terra	4			LC ³				
MAMÍFEROS - FAMÍLIA, espécie									
DIDELPHIDAE									
<i>Didelphis albiventris</i>	gambá, saruê	3			LC ³				Sim
MYRMECOPHAGIDAE									
<i>Myrmecophaga tridactyla</i>	tamanduá-bandeira	10			VU ² -VU ³				Sim

Continua

Tabela 1 (continuação)

MAMÍFEROS - FAMÍLIA, espécie

Táxon provável	Nome vernacular	Nº de citações	Fatores de Vulnerabilidade			Citações por categoria de uso			Espécie cinegética
			Endêmica	Rara	Status Categoria	Místico Religioso	Criação Estimação	Medicinal	
<i>Tamandua-tetradactyla</i>	tamanduá-mirim, meleta	8			LC ³				Sim
DASYPODIDAE									
<i>Dasypus</i> sp.	“tatu”	6			LC ³	1		1	Sim
<i>Euphractus sexcinctus</i>	tatu-peba	7			LC ³			1	Sim
<i>Tolypeutes tricinctus</i>	tatu-bola	7	Ca/Ce		VU ² -VU ³				Sim
<i>Priodontes maximus</i>	tatu-canastra	4		x	VU ² -VU ³	2			Sim
TAPIRIIDAE									
<i>Tapirus terrestris</i>	anta	11			VU ² -VU ³	1			
CERVIDAE									
<i>Mazama gouazoubira</i>	veado-catingueiro	13			LC ³				Sim
<i>Ozotoceros bezoarticus</i>	veado-campeiro	2			VU ²				Sim
<i>Pecari tajacu</i>	caititu	11			LC ³		1		Sim
ATELIDAE									
<i>Alouatta caraya</i> ¹	bugio	8			VU ³	1			Sim
CALLITRICHIDAE									
<i>Callitrix penicillata</i> ¹	soim	5			LC ³				
CEBIDAE									
<i>Sapajus libidinosus</i> ¹	macaco-prego	3			LC ³				
CANIDAE									
<i>Cerdocyon thous</i> ¹	raposa, cachorro-do-mato	20			LC ³				
<i>Chrysocyon brachyurus</i>	lobo-guará	10			VU ² -NT ³	1			
FELIDAE									
<i>Panthera onca</i>	onça-pintada/preta, canguçu	14			VU ²				
<i>Puma concolor</i>	onça-parda, onça-vermelha	11			VU ²				
<i>Leopardus pardalis</i>	jaguaririca	1			LC ³				
<i>Leopardus</i> sp.	gato-do-mato	7			-				
MUSTELIDAE									
<i>Eira barbara</i>	irara, meia-noite, papa-mel	3			LC ³				
<i>Lontra longicaudis</i>	lontra	4			NT ³				
PHYLLOSTOMIDAE									
Espécie não identificada	morcego-vampiro, morcego	6			-				
LEPORIDAE									

Continua

Tabela 1 (continuação)

MAMÍFEROS - FAMÍLIA, espécie									
Táxon provável	Nome vernacular	Nº de citações	Fatores de Vulnerabilidade			Citações por categoria de uso			Espécie cinegética
			Endêmica	Rara	Status Categoria	Místico Religioso	Criação Estimação	Medicinal	
<i>Sylvilagus brasiliensis</i> ¹	coelho-do-mato	4			LC ³				Sim
CAVIDAE									
Espécie não identificada	preá	2			-				Sim
<i>Hydrochoerus hydrochaeris</i>	capivara	8			LC ³			2	Sim
CUNICULIDAE									
<i>Cuniculus paca</i>	paca	7			LC ³	1		1	Sim
DASYPROCTIDAE									
<i>Dasyprocta</i> sp.	cotia	12			-			2	Sim
ERETHIZONTIDAE									
<i>Coendou prehensilis</i>	luiz-caixeiro, porco-espinho	4			LC ³			1	
RÉPTEIS - FAMÍLIA, espécie									
TESTUDINIDAE									
<i>Chelonoidis</i> sp.	jaboti	4			-			2	Sim
CHELIDAE									
<i>Phrynops geoffroanus</i>	cágado	4			não consta				Sim
ALLIGATORIDAE									
<i>Paleosuchus palpebrosus</i>	jacaré	8			LC ³			1	Sim
IGUANIDAE									
<i>Iguana i. iguana</i>	iguana	7			LC ³				Sim
TEIIDAE									
<i>Salvator merianae</i>	teiú/tiú	8			LC ³			3	Sim
AMPHISBAENIDAE									
<i>Amphisbaena</i> sp.	cobra-de-duas-cabeças	1			-	1			
SERPENTES									
BOIDAE									
<i>Boa constrictor</i>	jiboia	9			não consta	5		1	Sim
<i>Eunectes murinus</i>	sucuri	9			não consta	2		6	
COLUBRIDAE									
<i>Drymarchon corais</i>	cobra papa-pinto	1			LC ³				
<i>Spilotes p. pullatus</i>	caninana	2			não consta				
DIPSADIDAE									
<i>Oxyrhopus</i> sp. ¹	cobra-coral	1			-				

Continua

Tabela 1 (continuação)

RÉPTEIS - FAMÍLIA, espécie									
Táxon provável	Nome vernacular	Nº de citações	Fatores de Vulnerabilidade			Citações por categoria de uso			Espécie cinegética
			Endêmica	Rara	Status Categoria	Místico Religioso	Criação Estimação	Medicinal	
<i>Xenodon merremii</i>	jararaca-achatadeira	2			não consta				
VIPERIDAE									
<i>Bothrops</i> sp.	jararacuçu	6			-	1			
<i>Crotalus</i> sp.	cascavel	12			-	5		6	
ANFÍBIO - FAMÍLIA, espécie									
BUFONIDAE									
<i>Rhinella</i> sp.	sapo-cururu	1			-	1			
PEIXES - FAMÍLIA, espécie									
POTAMOTRYGONIDAE									
<i>Potamotrygon</i> sp.	raia	2			-			4	Sim
PIMELODIDAE									
<i>Pseudoplatystoma</i> sp.	surubim	3			-	1			Sim
<i>Pimelodus</i> sp.	mandi	1			-				Sim
ERYTHRINIDAE									
<i>Hoblias</i> sp.	traíra	2			-				Sim
LORICARIIDAE									
<i>Hypostomus</i> sp.	cari	1			-				
ANOSTOMIDAE									
<i>Leporinus</i> sp.	piáu	1			-				Sim
CHARACIDAE									
<i>Astianax</i> sp.	piaba	3			-				Sim
<i>Myleus</i> sp.	pacu	1			-				Sim
INVERTEBRADOS – FAMÍLIA, espécie									
APIDAE									
<i>Apis mellifera</i>	Abelha europa	4						4	
<i>Scaptotrigona</i> sp.	Abelha mandaguari	1							
<i>Tetragonisca angustula</i>	abelha jataí	4						4	
DOMÉSTICOS E DOMESTICADOS – FAMÍLIA, espécie									
ANATIDAE									
<i>Anas platyrhynchos domesticus</i> ¹	pato	1				1			
BOVIDAE									
<i>Bos taurus</i> ¹	boi/vaca	4				4		12	

Continua

Tabela 1 (conclusão)

DOMÉSTICOS E DOMESTICADOS – FAMÍLIA, espécie

Táxon provável	Nome vernacular	Nº de citações	Fatores de Vulnerabilidade			Citações por categoria de uso			Espécie cinegética
			Endêmica	Rara	Status Categoria	Místico Religioso	Criação Estimação	Medicinal	
<i>Ovis aries</i> ¹	carneiro/ovelha	5			-			4	
CANIDAE									
<i>Canis lupus familiaris</i> ¹	cachorro	20			-				
EQUIDAE									
<i>Equus caballus</i> ¹	cavalo	8			-				
<i>Equus asinus</i> ¹	burro/jumento	2			-				
FELIDAE									
<i>Felis catus</i> ¹	gato	18			-				
PHASIANIDAE									
<i>Gallus gallus domesticus</i> ¹	galinha	29			-	1		8	
SUIDAE									
<i>Sus scrofa domesticus</i> ¹	porco	9			-	2			

Legenda: ¹ Espécies avistadas na comunidade. ² Risco de extinção conforme categorias da portaria MMA n° 444/ 2014: VU = Vulnerável, EN = Em Perigo e CR = Criticamente em Perigo. ³ Categorias de espécies ameaçadas conforme a Red List IUCN (2017): VU = Vulnerável, EN = Ameaçada, NT = Quase ameaçada, LC = Menor preocupação. Ca = Caatinga, Ce = Cerrado. Aves endêmicas conforme Braz (2014). Mamíferos endêmicos conforme Paglia et al. (2011).

O número de animais silvestres (n=93) foi maior em relação aos domesticados (n=9). No geral o grupo faunístico das aves silvestres teve o maior número de espécies (n=38), seguido pelos mamíferos silvestres (n=29) e répteis (n=14), a ictiofauna teve oito espécies citadas. Para o grupo dos anfíbios apenas a citação de uma espécie.

O grupo das aves foi o mais significativo entre os moradores, as 38 espécies citadas foram distribuídas em 20 famílias, de acordo com o Comitê Brasileiro de Registro Ornitológico - CBRO (PIACENTINI, 2015). As famílias mais citadas foram Psittacidae (n = 8) e Tinamidae (n=4), seguidas por Falconidae, Columbidae e Icteridae, ambas com três espécies cada. As espécies mais citadas foram siriema (*Cariama cristata*, n= 11), jaó (*Crypturellus undulatus*, n= 9), Coan (*Herpetotheres cachinnans*, n= 9), pássaro-preto (*Gnorimopsar chopi*, n=9), ema (*Rhea americana*, n= 8) e canção (*Cyanocorax cyanopogon*, n=7).

Segundo Nobrega (2011), as espécies pertencentes as famílias Psittacidae, Tinamidae e Columbidae são frequentemente capturadas e utilizadas por populações humanas em várias regiões do Brasil. Nobrega (2011), defende que as aves são comumente utilizadas como alimento (carne e ovo), remédio (medicina tradicional), peças ornamentais (ovos e penas), além de companhia e estimação (pássaros canoros e ornamentais). Dentre estes usos, somente estimação foi registrado no presente estudo. Os psitacídeos (papagaios e periquitos) foram as aves mais citadas pelos entrevistados como preferidas para estimação.

Os mamíferos constituíram o segundo grupo faunístico mais conhecido pelos moradores (n=29) e foram distribuídos em 17 famílias de acordo com Paglia *et al.* (2011). As famílias mais citadas foram Felidae e Dasypodidae, ambas com quatro espécies relacionadas. As espécies mais citadas de grandes mamíferos foram onça-pintada (*Panthera onca*, n=14), veado-catingueiro (*Mazama gouazoubira*, n=13), anta (*Tapirus terrestres* n=11), caititu (*Pecari tajacu* n=11) e onça-parda (*Puma concolor* n=11) e tamanduá-bandeira (*Myrmecophaga tridactyla*, n=10).

Os resultados apontam para uma maior percepção dos moradores em relação aos mamíferos de grande porte, por ocorrerem em maior quantidade e ser mais facilmente visualizados. São animais que podem ser encontrados em áreas de vegetação aberta ou mata secundária, as quais ocorrem na região devido ao processo de desmatamento e ocupação com pecuária.

A herpetofauna teve 15 animais citados, 14 répteis e um anfíbio. Entre os répteis as serpentes foram as mais significativas para os entrevistados com nove espécies citadas, sendo cascavel (n=12), jararacuçu (n=6), sucuri (n=9), jiboia (n=9), caninana (n=2), “jararaca-

achatadeira” (n=2), cobra-coral (n=1), papa-pinto (n=1) e cobra-de-duas-cabeças (n=1). Apenas dois lagartos (iguana e teiú) foram mencionados pelos entrevistados. Um jacaré, um cágado e um jaboti. O sapo-cururu foi o único anfíbio citado durante as entrevistas e relacionado como causador de “doenças venéreas”, através do contato com “o leite”.

Em geral as serpentes são animais culturalmente associados ao mal pelos moradores, os mesmos as reconhecem pelo ambiente onde vivem e por sua coloração. A distinção entre peçonhentas e não peçonhentas foi registrada apenas para jiboia e sucuri. Porém todas são consideradas cobras e são mortas pelos moradores por acreditarem que oferecem perigo.

A relação pessoa-ambiente foi observada para ictiofauna entre os moradores próximos as margens do Rio São Bartolomeu, que citaram oito espécies: raia, surubim, traíra, mandi, cari, piaui, pacu e piaba. A maioria das espécies são utilizadas na alimentação, porém atualmente o uso é pouco frequente devido sua diminuição pela pesca descontrolada e a escassez de água no rio.

A percepção etnozoológica dos entrevistados na comunidade do Sertão, foi bastante satisfatória se comparada com outros estudos no entorno de Unidades de conservação (TORRES et al., 2009; PINTO, 2011). De um modo geral, pode-se constatar que os vertebrados são os animais mais citados e de maior importância cultural na comunidade, corroborando com resultados obtidos por Torres et al. (2009) e Pinto (2011). Evidenciando a necessidade de conhecer as comunidades locais e sua interação com a fauna, que deve ser levada em consideração para a elaboração de estratégias de conservação.

Com relação ao conhecimento ecológico tradicional, os mamíferos foram o único grupo relacionado pelos moradores, com relatos sobre a dieta de dez espécies. A tabela de cognição comparada (Tabela 2) apresenta exemplos de conhecimento etnozoológico dos entrevistados em relação a esses mamíferos, em comparação com informações sobre dieta encontradas em Reis et al. 2010.

Tabela 2. Comparação entre as informações de conhecimentos tradicional local obtidas entre os entrevistados da comunidade do Sertão, município de Alto Paraíso de Goiás e as citações da literatura.

GRUPO MAMÍFEROS	INFORMAÇÕES DOS ENTREVISTADOS	INFORMAÇÕES DA LITERATURA Reis et al. (2010)
Irara/papa-mel (<i>Eira Barbara</i>)	“Se alimenta de cana, mamão, galinha e mel”	Espécie apresenta hábito alimentar onívoro, com dieta composta por pequenos vertebrados, frutos, cana-de-açúcar e mel.
Tamanduá-bandeira (<i>Myrmecophaga tridactyla</i>)	“Tamanduá-bandeira come cupim”	Alimenta-se principalmente de formigas e cupins.

Continua

Tabela 2. (Conclusão)

GRUPO MAMÍFEROS	INFORMAÇÕES DOS ENTREVISTADOS	INFORMAÇÕES DA LITERATURA Reis et al. (2010)
Catitu (<i>Pecari tajacu</i>)		A espécie <i>Pecari tajacu</i> é frugívoro-onívora, ingerindo ampla variedade de itens como raízes, frutos, cactos, base de folhas e invertebrados. Os tatus do gênero <i>Dasytus</i> e a espécie <i>Euphractus sexcinctus</i> , alimentam-se principalmente de cupins, formigas e besouros, incluindo em sua dieta material vegetal, vertebrados de pequeno porte, ovos e carniça.
Tatu (<i>Dasytus</i> sp)	“Se alimentam de mandioca”	Espécies onívoras consideradas oportunistas por se alimentarem de uma variedade de itens, desde frutos, pequenos vertebrados e invertebrados.
Tatu-peba (<i>Euphractus sexcinctus</i>)		
Quati (<i>Nasua nasua</i>)		
Raposa (<i>Cerdocyon thous</i>)	“Come milho”	Os machos possuem chifres simples sem bifurcação.
Lobo-guará (<i>Chrysocyon brachyurus</i>)	“Come mandioca, galinha”	
Veado-catingueiro (<i>Mazama gouazoubira</i>)	“Come galinha”	
Anta (<i>Tapirus terrestres</i>)	“Macho tem zagaia e a fêmea não”	A gestação da espécie varia de 390 a 400 dias, com o nascimento de apenas um filhote.

Dentre as 102 espécies citadas pelos moradores entrevistados, 13 espécies figuram as listas de espécies ameaçadas da International Union for Conservation of Nature (IUCN, 2017) e conforme a portaria MMA nº 444/ 2014. Na categoria vulnerável a extinção: mutum-de-penacho (*Crax fasciolata*), tamanduá-bandeira (*Myrmecophaga tridactyla*), tatu-canastra (*Priodontes maximus*), veado-campeiro (*Ozotoceros bezoarticus*), anta (*Tapirus terrestres*), tatu-bola (*Tolypeutes tricinctus*), Bugio (*Alouatta caraya*), lobo-guará (*Chrysocyon brachyurus*), onça-pintada (*Panthera onca*), onça-parda (*Puma concolor*). Na categoria quase ameaçada: lontra (*Lontra longicaudis*). E as aves pato-mergulhão (*Mergus octosetaceus*) na categoria criticamente em perigo e o periquito-guerreiro (*Pyrrhura pfrimeri*) na categoria em perigo.

Três espécies são consideradas endêmicas do bioma Cerrado e transição entre o Cerrado e Caatinga: periquito-guerreiro (*Pyrrhura pfrimeri*), papagaio galego (*Alipiopsitta xanthops*) e tatu-bola (*Tolypeutes tricinctus*) (BRAZ, 2014; PAGLIA et al. (2011). E duas espécies consideradas raras de ocorrência: o pato-mergulhão e o tatu-canastra. O pato-mergulhão é uma das aves mais ameaçadas de extinção em toda a região neotropical, sendo a única representante da Tribo Mergini no Hemisfério Sul (MMA, 2008).

As populações do pato-mergulhão encontram-se isoladas em quatro Estados brasileiros (Paraná, Minas Gerais, Goiás e Tocantins). Tem registro confirmado no PNCV, na APA do Pouso Alto e em pelo menos seis RPPNs federais do conjunto de áreas protegidas da Chapada dos Veadeiros, além de registros em 19 atrativos turísticos de um total de 27 listados no estudo realizado por Disconzi (2012).

Do total de espécies levantadas neste estudo, 43 são consideradas como de valor cinegético (OLIVEIRA, 2014; CAJAIBA et al. 2015), algumas inclusas nas listas de ameaçadas de extinção. Estudo realizado por Alves et al. 2012 no semiárido brasileiro, registrou que as aves e os mamíferos são os animais cinegéticos de maior importância alimentar na região estudada. Os mamíferos principalmente por apresentarem maior biomassa.

Não foram registrados casos recentes de caça na comunidade, embora alguns moradores relataram que no passado quando os animais ainda eram abundantes, caçavam tatus e veados. Outros animais como onça-pintada, onça-parda também tiveram relatos de caça devido ao ataque aos bovinos.

As principais ameaças a fauna silvestre estão relacionadas a drástica redução de ambientes naturais importantes para a manutenção das populações faunísticas. Na área de estudo observa-se que assim como no período de ocupação da região a pecuária se fortalece na região com incentivos à produção.

Várias outras ameaças além da destruição de hábitat e desmatamento afetam as espécies, principalmente no Cerrado, na Mata Atlântica e Caatinga, não sendo restrito a esses biomas (MMA, 2008). A caça e perseguição favorecem essa redução, o que coloca muitas espécies na lista de ameaçados por uma atividade ilegal, já que a caça é proibida no país. O atropelamento é outro importante impacto negativo sobre a fauna silvestre nas rodovias do país (RIBEIRO & SILVA, 2017).

Interações entre animais domésticos e silvestres

A presença de animais domésticos e domesticados na comunidade é frequente. Os moradores interagem e dependem desses animais para sua nutrição, companhia e guarda. Em todos os domicílios visitados os moradores entrevistados relataram a criação de animais domésticos como cachorros (*Canis lupus familiaris*) e gatos (*Felis catus*), e outros como galinhas (*Gallus gallus domesticus*), porcos (*Sus scrofa domesticus*) e gado bovino (*Bos*

taurus). Tiveram poucas citações para ovelha (*Ovis aries*), burro, jumento e mula (*Equus asinus*) e cavalo (*Equus caballus*).

Todos os entrevistados citaram ter no mínimo um cachorro e um gato, com domicílio mantendo de seis cachorros a 14 gatos. Quando questionados sobre assistência veterinária, relataram haver apenas a vacinação anual. Houve relato de morte de cães após campanhas de vacinação, causando resistência à campanha. Três moradores citaram problemas nos cães como infestação de carrapatos e “peladeira”, referência a doença de pele no animal. Com esses relatos possíveis zoonoses, doenças naturalmente transmissíveis entre os animais e o homem, podem ocorrer na comunidade.

Os ataques de animais silvestres aos animais domésticos, principalmente galinha, seus filhotes e ovos foram citados em 55% das entrevistas. Resultados parecidos com os obtidos por Rocha-Mendes et al. (2015) ao analisar a predação causada por animais silvestres sobre animais domésticos, no município de Fênix no Paraná. Os demais animais de criação citados como vítimas de ataques por animais silvestres foram bovinos adultos e bezerros. Foram relatados cinco ataques de onça-parda a bezerros e ovelhas e três ataques de onça-pintada ao gado adulto, fatos citados como ocorridos no passado.

A raposa foi o animal silvestre mais referido (com 13 citações) pelos moradores como responsável pelos ataques às galinhas, seguidos do gato-do-mato e a jiboia, ambos com sete citações e o morcego-vampiro com seis citações.

Quando questionados sobre as medidas para evitar os ataques, a maioria respondeu não fazer nada. Dezenove moradores utilizam galinheiros para o repouso das galinhas e cachorros como guarda. Os moradores afirmaram não ter controle do número de animais perdidos, no caso de animais de pequeno porte, por serem ataques comuns. Para os animais de grande porte, como os bovinos, os relatos foram relacionados a fatos aleatórios ocorridos no passado.

Embora não mencionado pelos moradores entrevistados ataques de animais domésticos a animais silvestres, se tornam outro importante impacto sobre a fauna silvestre, através de agressões de cães a diversas espécies silvestres, perseguição por conflitos com espécies responsáveis pela predação de animais domésticos, principalmente aves e a ação epidemiológica de patógenos advindos do contato com os animais domésticos.

3.3. Usos da fauna na comunidade do Sertão

Foram levantados na comunidade 44 espécies de animais silvestres e domésticos relacionados as categorias místico/religiosa, medicinal, comercial e alimentar. O número de espécies silvestres (n=38) foi maior quando comparada a espécies domésticas (n=6). Dentre os animais utilizados para as finalidades citadas acima, os mamíferos tiveram o maior número de espécies (n=15), seguido pelas aves (n=13) e répteis (n=7).

Uso Místico/religioso

A relação mística/religiosa dos moradores foi registrada entre 12 espécies de aves, por acreditarem que as mesmas podem trazer sorte ou azar. As aves mais citadas foram a Coan (*Herpetotheres cachinnans*) e o beija-flor (*Eupetomena macroura*), ambas por anunciar mau presságio. As citações para beija-flor corroboram com os resultados obtidos por Torres et al. (2009), que investigaram conhecimentos etnozoológicos em Unidades de Conservação do Rio Grande do Norte. No estudo a ave também é reconhecida por representar mau agouro.

“O beija-flor aquele preto com verde, quando vem até a gente, traz notícias ruins”. (G.P.S, 76 anos)

“Dizem que o canto do Coan é mau agouro, mas é só superstição.” (H.M., 67 anos)

“Acho que é superstição, todo bicho tem seu canto” (M.M, 63 anos).

Observando o comportamento de algumas aves, os entrevistados acreditam que as mesmas podem prever eventos futuros, como chuva ou seca, visita de alguém ou mesmo a morte de pessoas próximas.

“João-de-barro quando canta muito fora de hora, avisa a chegada da chuva” (E.S, 55 anos).

“Canto frequente da Seriema, avisa a chegada da chuva”; “A saracura avisa a chegada da chuva” (J.N, 47 anos).

“O canto da Coan anuncia a morte” (M.D.C.M, 63 anos).

Nas relações mística/religiosa envolvendo os mamíferos, os entrevistados citaram animais relacionados com sorte ou azar. O tatu-canastra (mau agouro se caçar), o lobo-guará (couro utilizado para dar sorte), a raposa (“não deixa cachorro espantar raposa magra demais

ou pelada, porque é doente” E.S 55 anos). A paca e o tatu-verdadeiro foram consideradas como animais de carne gordurosa, ou seja se comer e tiver ferimentos demora sarar.

Dentre as espécies da herpetofauna, quatro serpentes foram relacionadas com questões místico/religiosas: cascavel, sucuri, jararaca e jiboia. A jiboia foi citada cinco vezes pelos entrevistados, causando manchas na pele se soprar na pessoa.

“A cascavel é vingativa” (H.M, 67 anos).

“Já vi um senhor que colocou o chocalho da cascavel no revolver para dar sorte” (J.N, 47 anos).

“Pessoas ofendidas por cascavel eram tratadas com benzimentos” (B.S. 80 anos).

“Onde tem muita cascavel a terra é boa”; “A sucuri atrai as pessoas como ímã” (B.T. 72 anos).

“Sucuri é a mãe do poço, se matar, a água acaba. A mesma coisa é para peixe, não pode matar os maiores” (J.A. 50 anos).

Nesse sentido podemos verificar que o sistema de representações, símbolos e mitos que a comunidade apresentou é o mesmo que outras populações tradicionais estabelecem com a fauna ou o meio em que vivem. Para Diegues (2000) essas populações desenvolvem o conhecimento empírico e seus sistemas tradicionais de manejo, transferidos por oralidade de geração em geração.

Uso alimentar e Comercial

O uso alimentar ou comercial dos animais silvestres pelos moradores foi pouco mencionado. Havendo apenas relatos de caça, principalmente de tatus e veados, praticada no passado quando haviam mais animais. Os moradores evitam o consumo de certos animais como peixes de couro, pato-do-mato, porco, paca, jacu e tatu. Os entrevistados relacionam os mesmos com a reima, ou seja, animais cujo o consumo causará algum mal. De acordo com os moradores animais que se alimentam de tudo (onívoros) tem a carne reimosa.

Mesquita Neto e Paula (2010) defendem que os alimentos são classificados culturalmente de diversas denominações entre elas a “reima”. De modo geral, tratando de uma característica que torna o alimento “ofensivo” para certos estados do organismo. Segundo os autores os animais silvestres são mais reimosos do que os domesticados, por serem mais desconhecidos do convívio com as pessoas.

Uso medicinal

Os entrevistados citaram usos de animais silvestres (n=15) e domésticos (n=3) para a prática medicinal e artesanal. Os animais silvestres citados para o propósito medicinal, foram: cascavel (*Crotalus* sp.), sucuri (*Eunectes murinus*), jiboia (*Boa constrictor*), têiu (*Salvator merianae*), jaboti (*Chelonoidis* sp.), jacaré (*Paleosuchus palpebrosus*), raia (*Potamotrygon* sp.), tatu (*Dasytus* sp.), tau-peba (*Euphractus sexcinctus*), veado-catingueiro (*Mazama gouazoubira*), capivara (*Hydrochoerus hydrochaeris*), paca (*Cuniculus paca*), porco-espinho (*Coendou prehensilis*) e as abelhas (*Scaptotrigona* sp., *Tetragonisca angustula* e *Apis mellifera*). Os domesticados foram: galinha (*Gallus gallus domesticus*), carneiro (*Ovis aries*) e boi/vaca (*Bos taurus*).

De acordo com os entrevistados a parte mais utilizada como remédio é a banha (n=24). Os tipos mais comuns de enfermidades tratadas usando remédios de origem animal são doenças respiratórias bronquite (n=3), asma (n=6) e pneumonia (n=4), dores reumáticas e musculares (n=11), gripes (n=10) e na cicatrização de ferimentos (n=4). As formas mais citadas de utilização foi passar no local e beber algumas gotas da banha no café ou chá. O pó do chifre de boi foi citado para problemas de má digestão (n=8), sendo utilizado como chá. Os usos artesanais estão relacionados a subprodutos como penas utilizadas na confecção de petecas e o couro na montagem de camas e caixas para armazenamento de grãos.

Os produtos zoterápicos são oriundos de espécies de uso múltiplo, sendo utilizados tanto para fins alimentícios como medicinal. A zooterapia é uma prática antiga e os produtos oriundos de algumas dessas espécies têm sido observado em outros estudos (COSTA-NETO, 2000; MOURA e MARQUES, 2008; OLIVEIRA, 2014; SANTOS e LIMA, 2017; PINTO et al., 2011).

Saberes e fazeres que conforme mencionado pelos moradores influenciavam na formação pessoal e convívio em sociedade com o passar dos anos reduziram. Alguns moradores idosos relataram sentir falta do convívio com a comunidade, dos trabalhos em mutirão, onde haviam as trocas de saberes, os ensinamentos. Das festas religiosas que uniam as famílias nos preparativos.

Essas relações mencionadas pelos moradores da comunidade do Sertão corroboram com as principais características de sociedades, estudada por Diegues (2000 p.21):

“ é a noção de território ou espaço onde o grupo social se reproduz econômica e socialmente, pela moradia e ocupação desse território por várias gerações, ainda que alguns membros individuais possam ter se deslocado para os centros urbanos e voltado para a terra de seus antepassados” [...] “a importância dada à unidade familiar, doméstica ou comunal e às relações de parentesco ou compadrio para o exercício das atividades econômicas, sociais e culturais; [...] pela importância das simbologias, mitos e rituais associados à caça, à pesca e a atividades extrativistas; pela tecnologia utilizada que é relativamente simples, de impacto limitado sobre o meio ambiente”.

3.4. Percepções em relação às Unidades de Conservação APA Estadual do Pouso Alto e Parque Nacional Chapada dos Veadeiros

Ao buscar o ponto de vista dos entrevistados sobre a Área de Proteção Ambiental do Pouso Alto e a ampliação do Parque Nacional Chapada dos Veadeiros, 10% dos entrevistados disseram não saber da existência das Áreas Protegidas, somente 7 % dos entrevistados as relacionaram com a preservação das nascentes e o acesso a água. 28 % dos entrevistados acreditam que as Áreas Protegidas favorecem a conservação da fauna. Em relação aos problemas ambientais, os principais impactos sobre a fauna local percebidos pelos entrevistados foram a caça (52%), o desmatamento (35%), a seca (24%), e as queimadas (10%).

A principal preocupação dos entrevistados inclui a limitação na realização das atividades da agricultura familiar, o preparo da terra para o plantio e eventualmente a possibilidade de perder suas terras para novas Áreas Protegidas. Embora reconheçam a importância de manter tais áreas para a conservação dos recursos naturais e para manutenção da qualidade de vida, esbarram na desvalorização do conhecimento tradicional como forma de conservação desses mesmos recursos. De acordo com os moradores entrevistados a mudança cultural através dos novos hábitos urbanos e o desinteresse dos mais jovens em aprender sobre as práticas ancestrais, contribuem para a redução do conhecimento tradicional.

4. CONCLUSÃO

Os moradores da comunidade do Sertão reconhecem uma ampla diversidade de animais silvestres e já fizeram uso destes de diferentes formas. O uso medicinal, apesar de ser pouco praticado, foi bem relatado pelos moradores, evidenciando a existência do conhecimento tradicional passado de geração em geração. A principal forma de transferência é oral, onde os mais velhos detêm o conhecimento e principalmente as mulheres (mães e avós) são responsáveis por disseminar entre seus descendentes seus saberes.

Entre os animais citados, principalmente os de grande porte, vários se tornaram raros de acordo com relatos dos moradores. A caça, embora pouco citada pelos entrevistados, foi algo herdado dos mais velhos. Muitos moradores relacionaram essa prática como a principal causa do desaparecimento dos animais silvestres, seguido do desmatamento e da seca. As crenças, ainda que consideradas por alguns dos entrevistados como superstição, evidenciam a relação do homem do campo com os animais, que além de serem utilizados como recurso medicinal, alimentício e de admiração, auxiliam na previsão do tempo através de observação do comportamento animal.

O trabalho efetivo com Educação e Fiscalização Ambiental, criação de canais de comunicação entre instituições acadêmicas, governamentais e populações humanas, podem ajudar a comunidade a promover e abordar a conservação da fauna local. Tornou-se evidente, portanto, que estudos zoológicos e etnozoológicos, são extremamente importantes para a região. O estudo ressalta a importância do registro desse conhecimento para as futuras gerações, onde os esforços atuais para a conservação biológica, somados a conservação cultural, são de grande relevância. Deste modo os moradores da comunidade do Sertão são sujeitos históricos e interessados nas discussões ambientais de conservação e preservação do Cerrado na região da Chapada dos Veadeiros.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, U.P.; LUCENA, R. P. & ALENCAR, N.L. **Coleta de dados etnobotânicos**. In: ALBUQUERQUE, U.P.; LUCENA, R.P. & CUNHA, L.V.F.C. Métodos e técnicas para a pesquisa etnobotânica. 2. ed. Recife, Comunigraf/NUPEEA, 2008. p. 41-72.

ALBUQUERQUE, U.P. (org.) **Etnobiologia: bases ecológicas e evolutivas**. Recife, PE: NUPEEA. p. 37-61. 2013. 166 p.; 23cm.

ALVES, R.R.N. Fauna used in popular medicine in Northeast Brazil. **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine**. 5:1-30, 2009.

ALVES, R.R.N, GONÇALVES, M.B.R. E VIEIRA, W. L. S. Caça, uso e conservação de vertebrados no semiárido Brasileiro. *Tropical Conservation Science* Vol. 5(3):394-416. 2012.

BEGOSI, A. HANAZAKI, N. & SILVANO, R. A. M. **Ecologia Humana, Etnoecologia e Conservação**. In: Amorozo, M. C. M.; Mingg, L. C. & Silva, S. M. P. (eds.). Métodos de coleta e análise de dados em etnobiologia, etnoecologia e disciplinas correlatas. UNESP/CNPq, Rio Claro, SP, 2002. p. 93 – 128.

BERNARDES, S.A.O **currículo escolar e suas relações com o projeto de vida dos jovens estudantes da escola santo Antônio da Parida**. 2015. 83f. Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em Educação do Campo -LEDOC, da Universidade de Brasília, Planaltina-DF. 2015.

BÉRNILS R.S, COSTA H.C. **Répteis do Brasil e suas Unidades Federativas**: Lista de espécies. Sociedade Brasileira de Herpetologia. Revista Herpetologia Brasileira V.7 n.1. Fevereiro de 2018, Versão on-line. Disponível em: <<http://www.sbherpetologia.org.br/>>. Acesso em 09 outubro de 2018.

BERTRAN, Paulo. **História da Terra e do Homem no Planalto Central**: eco-história do Distrito Federal, do indígena ao colonizador. Brasília: Verano, 2000.

BRAZ, Vivian da Silva; HASS, Adriani. Aves endêmicas do Cerrado no Estado de Goiás. **FRONTEIRAS: Journal of Social, Technological and Environmental Science**, Anápolis-Goiás, v.3, n.2, jul.-dez. 2014, p.45-54.

CAJAIBA, R. L.; DA SILVA, W. B.; PIOVESAN, P. R. R. Animais silvestres utilizados como recurso alimentar em assentamentos rurais no município de Uruará, Pará, Brasil. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, [S.l.], v. 34, ago. 2015. ISSN 2176-9109. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/made/article/view/38889/26092>>. Acesso em: 21 dez. 2018. doi:<http://dx.doi.org/10.5380/dma.v34i0.38889>.

CARDOSO, M.R.D.; MARCUZZO, F.F.N.; BARROS, J.R. Classificação climática de Köppen-Geiger para o Estado de Goiás e Distrito Federal. *Acta Geográfica*, 8 (16): 40-55, 2015.

Centro Tecnológico de Engenharia – CTE. **Plano de Manejo da APA de Pouso Alto**. Encarte 2. Quadro Socioambiental / Diagnóstico da UC. Centro Tecnológico de Engenharia. – Goiânia, GO: CTE, 2016. 435p. <Disponível em: http://www.sgc.goias.gov.br/upload/arquivos/2016-06/encarte-2_compressed.pdf>. Acesso em: 05/07/2018.

COSTA, V. S. **A Luta pelo território: histórias e memórias do povo Kalunga**. 2013. 75f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura em Educação no Campo) Universidade de Brasília, Brasília. 2013.

COSTA-NETO, E.M. Recursos animais na medicina tradicional dos índios Pankararé que habitam no nordeste do estado da Bahia, Brasil. **Actualidades Bilógicas**, [S.l.], v.21, n.70, 1999, p.69-79.

COSTA-NETO. E.M. A etnozoologia no Brasil: um panorama bibliográfico. **Biooikos**, PUC Campinas, v.14 (2), 2000, p.31-45.

COSTA NETO, E. M. (organizador). Simpósio Brasileiro de Etnobiologia e Etnoecologia (11: 2016: Feira de Santana, BA) Anais do XI Simpósio Brasileiro de Etnobiologia e Etnoecologia. I Festival de Sementes Crioulas da Bahia: Feira + 20: Bem-viver e Pós-Desenvolvimento, Feira de Santana, Bahia, Brasil, 21 a 26 de novembro de 2016 – Feira de Santana: Z Arte Editora, 2016. 610 p.

CUNHA, H.F., et al. Conhecimento empírico dos moradores da comunidade do entorno do Parque Municipal da Cachoeirinha (Iporá, Goiás). **Acta Sci. Biol.** 29(2), 2007, p. 203-212.

DE LIMA, J. R. B.; FLORÊNCIO, R.R.; DOS SANTOS, C. A.B. Contribuições da etnozoologia para a conservação da fauna silvestre. **Revista Ouricuri**, v. 4, n. 3, 2014, p. 48-67.

DIEGUES, A.C.S. **O Mito Moderno da Natureza Intocada**. São Paulo: HUCITEC. 1996. 161p.

DIEGUES, Antônio Carlos (Org.). **Os saberes tradicionais e a biodiversidade no Brasil**. São Paulo: MMA/COBIO/NUPAUB/USP, 2000. 211 p.

DIEGUES, A. C. **Espaços e recursos naturais de uso comum**. São Paulo: NUPAUB-USP, 2001. 294p.

DISCONZI, G. M. S. **O pato-mergulhão *Mergus octosetaceus* Vieillot, 1817 e as águas da Chapada dos Veadeiros (GO)** Dissertação de Mestrado. Centro de Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília, Brasília, 2012, 165 p.

GWYNNE, J.A.; RIDGELY, R.S.; TUDOR, G. & ARGEL, M. **Aves do Brasil: Pantanal & Cerrado**. São Paulo: Ed. Novo Horizonte, 2010. 322p.

HANAZAKI, Natalia. Comunidades, conservação e manejo: o papel do conhecimento ecológico local. **Biotemas**, Florianópolis, v. 16, n. 1, p. 23-47, jan. 2003. ISSN 2175-7925. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/biotemas/article/view/22089>>. Acesso em: 10 set. 2018. doi:<https://doi.org/10.5007/%x>.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Alto Paraíso de Goiás, GO, Censo Demográfico 2010**. Disponível em: < <https://www.ibge.gov.br/estatisticas-novoportal/por-cidade-estado-estatisticas.html?t=destaques&c=5200605>>. Acesso em outubro de 2018.

ICMBio – Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. **Parque Nacional Chapada dos Veadeiros**. Disponível em: <http://www.icmbio.gov.br/portal/parna-da-chapada-dos-veadeiros>. Acesso em 03 de abril de 2018.

IUCN (2017). International Union for Conservation of Nature. **The IUCN Red List of Threatened Species**. Disponível em: <<http://www.iucnredlist.org/>> Acesso em: 22 nov. 2018.

KRAUSPENHAR, T. Estudo etnobiológico das comunidades vizinhas da unidade de conservação ambiental desterro (UCAD). **Rev. Virtual de Antropologia**, Florianópolis, v. 2, n. 3, 2001.

LARANJEIRA, N.P.; GASPARINI, C.B.G.; BERNARDES, S.A. (org.). **Comunidade Sertão: Alto Paraíso de Goiás**. Brasília: Universidade de Brasília Centro de Estudos do Cerrado da Chapada dos Veadeiros, 2012.32p.; 15cm. (Coleção Riquezas da Chapada dos Veadeiros; 2).

LIMA, J. R. B.; FLORÊNCIO, R. R.; SANTOS, C. A. B. Contribuições da Etnozoologia para a Conservação da Fauna Silvestre. *Revista Ouricuri*, v. 4, nº 3. Nov./dez. 2014.

MARQUES, J.G.W. **Pescando Pescadores: etnoecologia abrangente no Baixo São Francisco Alagoano**. São Paulo: NUPAUB/USP São Paulo/Maceió,1995. p.304.

MARQUES, J. G. W. O olhar (des)multiplicado. O papel do interdisciplinar e do qualitativo na pesquisa etnobiológica e etnoecológica. In: Amorozo, M. C. M.; Mingg, L. C. & Silva, S. M. P. (eds.). **Métodos de coleta e análise de dados em etnobiologia, etnoecologia e disciplinas correlatas**. Rio Claro, SP. UNESP/CNPq, 2002. p.31-46.

MARTINS, V.S. **Uma abordagem etnoecológica abrangente da pesca de polvos (*Octopus spp.*) na comunidade de Coroa Vermelha (Santa Cruz de Cabrália, Bahia)**. Dissertação (Mestrado em Sistemas Aquáticos Tropicais). UESC, Ilhéus-BA, 2008. 129 p.

MARTINS, R.C.; FILGUEIRAS, T.S.; ALBUQUERQUE, U.P. 'Ethnobotany of *Mauritia flexuosa* (Arecaceae) in a Maroon Community in Central Brazil', **Economic Botany**, 66, 2012, p. 91-98.

MARTINS, R.C.; FILGUEIRAS T.S.; ALBUQUERQUE, U.P. Use and diversity of palm (Arecaceae) resources in central western Brazil. *The Scientific World Journal* 2014:1 – 14. 2014.

MESQUITA NETO, J. N.; PAULA, M. H. Considerações sobre a cultura da Reima em comunidades rurais de Catalão: relação entre ambiente e a cultura local. **Espaço em Revista**, v. 12, 2010, p. 67-75.

MITTERMEIER, R. et al. **Hotspots Revisited: Earth's Biologically Richest and Most Endangered Terrestrial Ecoregions**. CEMEX & Agrupacion Sierra Madre, Cidade do México, 2004, p.392.

MOURA, F. B. P.; MARQUES, J. G. W. Conhecimento de pescadores tradicionais sobre a dinâmica espaço-temporal de recursos naturais na Chapada Diamantina, Bahia. **Biota Neotropica Portuguesa** 7: 001-008. 2007.

Ministério do Meio Ambiente – MMA. Livro vermelho da fauna brasileira ameaçada de extinção / editores Angelo Barbosa Monteiro Machado, Gláucia Moreira Drummond, Adriano Pereira Paglia. - 1.ed. - Brasília, DF: MMA; Belo Horizonte, MG: Fundação Biodiversitas, 2008. 2v. 1420 p.

MMA (2014). Ministério do Meio Ambiente. Portaria nº 444, de 17 de dezembro de 2014. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 18 dez. 2014, seção 1, p.121-126.

NOBREGA, V. A. **Utilização de aves silvestres por moradores do município de Fagundes, semiárido paraibano**: uma abordagem etnoornitológica. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Biológicas) Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e Saúde, 2011. 30f.

OLIVEIRA, W.S.L. **Atividades cinegéticas e usos da fauna silvestre em uma área rural do semiárido paraibano** (Manuscrito) / Wallison Syllas Luna de Oliveira. 2014. 54 p.

PAGLIA, A.P. et al. Lista Anotada dos Mamíferos do Brasil / *Annotated Checklist of Brazilian Mammals*. 2ª Edição / 2nd Edition. 2011. Occasional Papers in Conservation Biology, No. 6. **Conservation International**, Arlington, VA. 2011. 75pp.

PEREIRA, J.P.R & SCHIAVETTI, A. Knowledge and faunal game uses by indigenous hunters “Tupinambá from Olivença” (Bahia). **Biota Neotrop**. 2010. 10(1): Disponível em: <http://www.biotaneotropica.org.br/v10n1/en/abstract?article+bn03210012010>. Acesso em 05 nov. 2018.

PIACENTINI, V.Q. et al. Annotated checklist of the birds of Brazil by the Brazilian Ornithological Records Committee / Lista comentada das aves do Brasil pelo Comitê Brasileiro de Registros Ornitológicos. **Revista Brasileira de Ornitologia**, 2015. 23(2): 91–298.

PINTO, L. C. L. **Etnozoologia e conservação da biodiversidade em comunidades rurais da Serra do Ouro Branco**. 2011. 95f. Dissertação (Mestrado em Ecologia de Biomas Tropicais) – Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, Minas Gerais. 2011.

REIS, N.R.; PERACCHI, A.L.; FREGONEZI, M.N.; ROSSANEIS, B.K. (Orgs.). **Mamíferos do Brasil: guia de identificação**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Technical Books, 2010. 560p.

RIBEIRO, T. R. S & SILVA, P. H. Relação Entre Atropelamentos de fauna e o volume de visitas no Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros: o caso da Rodovia GO-239. In: XXXI Congresso Nacional de Pesquisa em transporte da ANPET, 2017, Recife. Anais do XXXI Congresso de Pesquisa e Ensino em Transportes - 2017. Rio de Janeiro: Associação Nacional de Pesquisa e Ensino em Transportes, 2017. p. 569-579

ROCHA-MENDES, F. et al. Mamíferos do município de Fênix, Paraná, Brasil: etnozoologia e conservação. **Rev. Bras. de Zoologia**, v. 22 (4), 2005, p. 991-1002.

RODRIGUES, A. **Conhecimentos etnozoológicos de estudantes de escolas públicas sobre mamíferos aquáticos que ocorrem na Amazônia.** 2015. 174f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Pará, Núcleo de Teoria e Pesquisa do Comportamento, Programa de Pós-graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento, Belém. 2015.

SAMPAIO, Jéssica A. G. Memórias do Socioambientalismo em Alto Paraíso, GO. **XVI Congresso de Iniciação Científica da Universidade de Brasília**, 2011.

SANTOS, C. A. B. & LIMA, J. R. B. **A Zooterapia do povo indígena Pankararú no Semiárido Pernambucano** / Carlos Alberto B. dos Santos, Jaciara Raquel Barbosa de Lima. Juazeiro: SABEH, 2017. 94 p.

SOUZA C.D. & FELFILI J.M. Uso de plantas medicinais na região de Alto Paraíso de Goiás, GO, Brasil. **Acta Bot. Bras.** 20: 135-142, 2006.

SOUSA, I. & SANCHEZ, C. Populações tradicionais e a contribuição dos seus saberes para o desenvolvimento das etnociências e para a sustentabilidade. **Revista biologia.** Rio de Janeiro, 05-08, 2017. Disponível em: <https://www.uva.br/pdfs/graduacao/ccbs/.../05-08/.../populacoes_tradicionais.htm>. Acesso em 23 junho 2017.

SNUC - Sistema Nacional de Unidades de Conservação; **Lei 9.985 de 18 de julho de 2000**; Ministério do Meio Ambiente.

TORRES, R.; RODRIGUES R. G.; BARRETO, R.M.F. Etnozoologia como ferramenta na Educação Ambiental- Os Saberes populares como informação valiosa para a conservação: Vivências Na Floresta Nacional De Negreiros, Serrita-PE. **Extramuros – Revista de Extensão da Univasf.** Volume 3, número 1 – Edição especial, jun. 2015.

TORRES, D.F.; OLIVEIRA, E.S.; ALVES, R.R.N.; VASCONCELLOS, A. Etnobotânica e etnozologia em unidades de conservação: uso da biodiversidade na APA de Genipabu, Rio Grande do Norte. **Intercencia**, V.34, n° 9 sep. 2009.

APÊNDICE A – Questionário etnozoológico aplicado na comunidade do Sertão, Alto Paraíso de Goiás.

I – IDENTIFICAÇÃO E DADOS SOCIOECONÔMICOS

Questionário n°: _____

Data da aplicação:

Nome:

Idade: Sexo:

Naturalidade:

Local da Entrevista:

Coordenadas Geográficas:

Grau de Escolaridade:

Analfabeto () Semi-analfabeto- apenas escreve o nome () apenas lê () Lê e escreve ()

Fundamental: Completo () Incompleto ()

Médio: Completo () Incompleto ()

Superior: Completo () Incompleto ()

Ocupação:

Fonte de renda principal:

Tempo que reside na região da Chapada dos Veadeiros:

Tempo que reside no Sertão:

II – CONHECIMENTO ZOOLOGICO (ANIMAIS DOMÉSTICOS NA PROPRIEDADE)

() Cachorros n°__ () Gatos n°__ () Galinhas n°__ () Gado n°__ () Porcos n°__

() Cabras/bodes n°__ () Carneiros/ovelhas n°__ () Outros _____ n°__

O Sr.(a) tem assistência veterinária?

() Regular () Irregular Frequência (semanal/quinzenal/mensal):

Os animais domésticos ficam soltos na propriedade?

Algum animal do mato já atacou ou matou algum animal de criação?

Animal que atacou	Animal atacado	Sabe estimar quantos animais por ano?	O que foi feito para resolver?

III – CONHECIMENTO ZOOLOGICO (ANIMAIS SILVESTRES)

Já teve ou tem algum bicho do mato em casa? Qual?

Já usou algum animal silvestre ou parte dele como remédio, amuleto ou outros usos?

Animal utilizada	Parte	Pra que usou	Com quem aprendeu a usar

IV - ESTUDO DAS CRENÇAS E MITOS REGIONAIS

Conhece alguma estória relacionada aos animais silvestres da região? Pode contar?

Tem algum animal que deixou de ser visto nos últimos anos? Qual (is)?

Em sua opinião, qual a principal causa do desaparecimento desses animais?

Algum animal tornou-se mais abundante na região, nos últimos anos? Sabe dizer o motivo?

V - ESTUDO SOBRE O CONHECIMENTO DA FAUNA SILVESTRE E ÁREA PROTEGIDA

Quais animais do mato o senhor (a) já viu ou vê na região?

Nome do animal	Onde viu?	Quantas vezes já viu?	Como reconhece o animal (cheiro, pegada, som, cor)?	O que faz quando vê?	Sabe quando é um macho ou uma fêmea?	Qual a importância dele para o meio ambiente?

O que o senhor (a) acha de ser vizinho (a) do Parque Nacional Chapada dos Veadeiros e estar dentro da Área de Proteção Ambiental Pouso Alto?

APÊNDICE B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) é um documento elaborada a partir das exigências contidas na Lei Federal número 13.123 de 20 de maio de 2015, que dispõe sobre o acesso ao patrimônio genético, sobre a proteção e acesso ao conhecimento tradicional associado a conservação e o uso sustentável da biodiversidade. A obtenção do consentimento prévio informado será formalizada por meio deste documento, necessário a realização da pesquisa.

Esta pesquisa está sendo desenvolvido pela estudante Leciane Moreira da Mata, com orientação da professora Dr^a Renata Corrêa Martins, ambas da Universidade de Brasília, Centro de Estudos do Cerrado (UnB Cerrado), tendo como localidade de estudo a comunidade rural do Sertão, composta por agricultores familiares, no município de Alto Paraíso de Goiás. A pesquisa iniciará com entrevistas para responder um questionário, que a partir da sua autorização, serão registradas por um gravador digital para maior segurança no registro das informações.

Convidamos o(a) senhor(a) para participar e é importante que entenda o seu significado para decidir se deseja participar ou não. Eu vou explicar o que pretende este estudo, como ele será feito e como você participará dele. Você deve perguntar e esclarecer qualquer dúvida que tenha, e caso venha ter perguntas depois que o estudo for iniciado, por favor, não deixe de nos informar, pois tenho a obrigação de lhe responder. A sua participação no projeto é voluntária e você pode deixar de participar, a qualquer momento que queira.

Esta pesquisa busca o conhecimento dos moradores sobre os animais silvestres e de criação da região, as histórias de famílias sobre animais, além de saber se existe algum uso (medicinal, alimentação, artesanato, estimação) de algum animal. Queremos documentar o máximo de informações sobre os animais para aumentar o conhecimento, tanto das pessoas que moram aqui na comunidade, quanto das pessoas que estão na Universidade estudando sobre eles.

É importante que saibam que não pretendemos com esse estudo, que sintam vergonha dos conhecimentos que vocês têm. Um dos objetivos do estudo é ajudar vocês a valorizar os seus próprios conhecimentos sobre os animais da região onde vivem. A informação individual será mantida respeitosamente por nós e ao ser oficializado no estudo, será respeitado o linguajar local. Todos os dados serão utilizados somente para fins científicos com garantia de anonimato. Pretendemos utilizar as informações que forem conseguidas para escrever alguns textos que serão publicados, com sua permissão, em revistas científicas, em encontros de pesquisadores.

Marcaremos sempre um horário para que não atrapalhem seus trabalhos e caso necessite remarcar-las, fique à vontade. Também faremos fotografias e vídeos, com sua autorização. Se houver alguma informação que achar que não deva ser revelada, por favor, não deixe de nos avisar, pois as informações só serão repassadas se o(a) senhor(a) permitir. Se você não se sentir confortável com a gravação das entrevistas ou com as fotografias, sua vontade será respeitada.

Os registros conseguidos com este estudo serão guardados no Centro de Estudo do Cerrado da Chapada dos Veadeiros, sob a responsabilidade da coordenação, por um período de cinco anos, sendo destruídos após este período. O endereço para contato é o seguinte: Universidade de Brasília - UnB, Centro UnB Cerrado, Av. Ary Valadão Filho, Alto Paraíso de Goiás - GO, 73770-000, Alto Paraíso de Goiás. Este termo apresenta duas vias que devem ser assinadas por mim e pelo(a) senhor(a). Uma cópia fica com a gente e a outra fica com o(a) senhor(a). Este é nosso acordo. Agradecemos a atenção, estamos à disposição para tirar qualquer dúvida e dar mais informações.

Em ____ de _____ de _____

Responsável pela pesquisa: _____

Leciane Moreira da Mata

Sujeito participante da pesquisa: _____

ANEXO A – Comprovante de Cadastro de acesso SisGen



Ministério do Meio Ambiente
CONSELHO DE GESTÃO DO PATRIMÔNIO GENÉTICO
SISTEMA NACIONAL DE GESTÃO DO PATRIMÔNIO GENÉTICO E DO CONHECIMENTO TRADICIONAL ASSOCIADO

Comprovante de Cadastro de Acesso
Cadastro nº A2F7C06

A atividade de acesso ao Conhecimento Tradicional Associado, nos termos abaixo resumida, foi cadastrada no SisGen, em atendimento ao previsto na Lei nº 13.123/2015 e seus regulamentos.

Número do cadastro: **A2F7C06**
Usuário: **Leciane Moreira da Mata**
CPF/CNPJ: **654.038.433-53**
Objeto do Acesso: **Conhecimento Tradicional Associado**
Finalidade do Acesso: **Pesquisa**

Espécie

animais

Fonte do CTA

CTA de origem não identificável

Título da Atividade: **Conhecimento etnozoológico de moradores de comunidade rural do município de Alto Paraíso de Goiás**

Equipe

Leciane Moreira da Mata

Universidade de Brasília

Data do Cadastro: **31/07/2018 14:02:18**

Situação do Cadastro: **Concluído**



Conselho de Gestão do Patrimônio Genético
Situação cadastral conforme consulta no SisGen em 14:03 de 31/07/2018.



SISTEMA NACIONAL DE GESTÃO
DO PATRIMÔNIO GENÉTICO
E DO CONHECIMENTO TRADICIONAL
ASSOCIADO - SISGEN